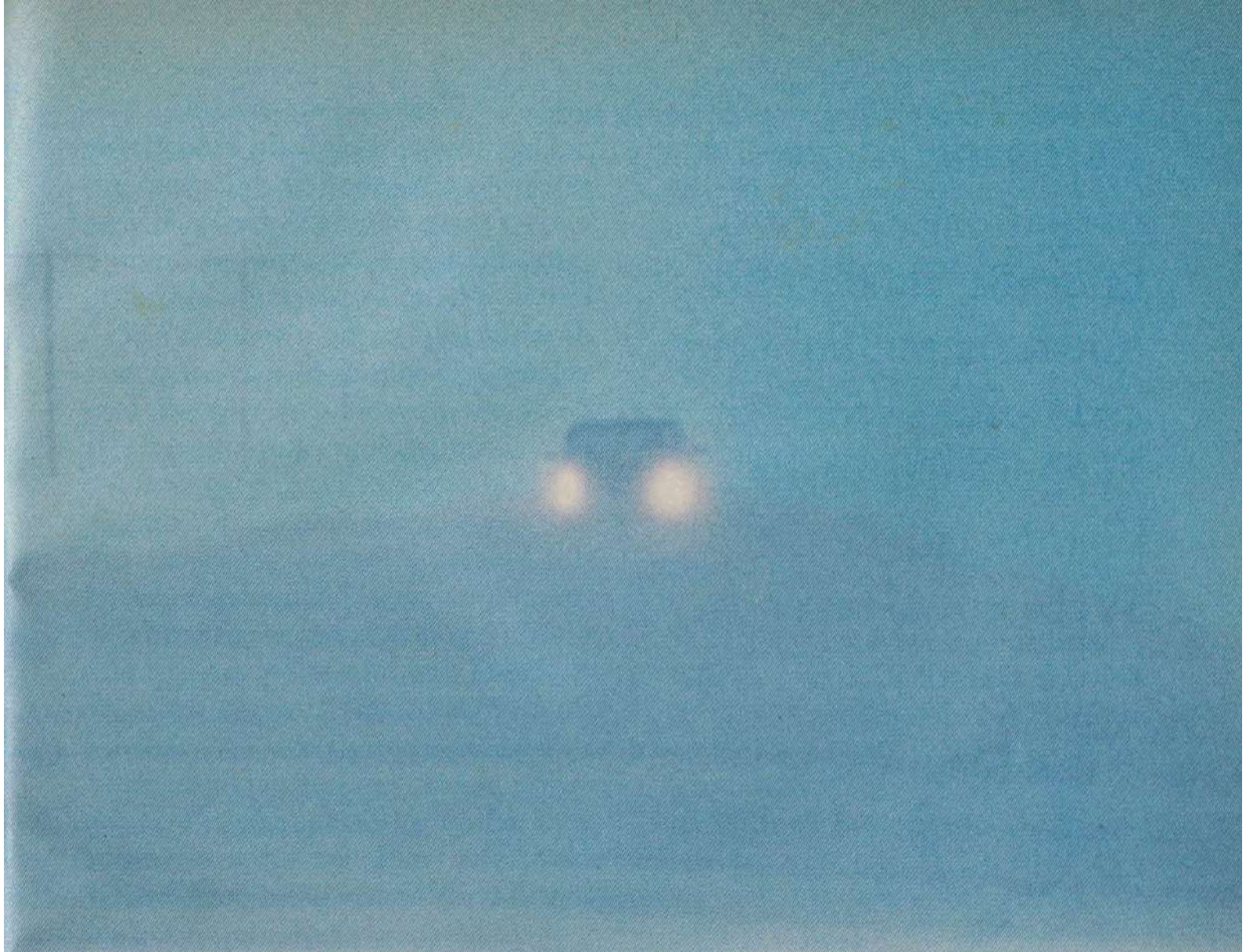


DRAMA DA VIDA REAL

NAS FRIAS
GARRAS
DA **MORTE**

Por PETER MICHELMORE



A PRIMEIRA LUZ pálida da manhã cortava a paisagem de inverno quando Karen Nelson olhou pela janela. Outra grande tempestade de neve fora prevista e ela estava preocupada.

Era o dia 9 de janeiro de 1997, e Karen, 51 anos, acabara de iniciar o turno como cozinheira na clínica de repouso em Roslyn, Dakota do Sul.

Entretanto, depois de preparar o café dos internos, ela decidiu que seria melhor sair cedo para percorrer os 11 quilômetros até a vizinha cidade de Webster e a fazenda onde morava.

— **Q**UERO VOLTAR antes da tempestade — disse às duas colegas que moravam ali perto.

Lá fora, a temperatura de -28° C congelava os ossos e 30 centímetros de neve se haviam depositado durante a noite, acumulando-se numa camada de mais de um metro.

Karen entrou na caminhonete azul às 6h45 e rumou para oeste pela Rodovia 25. Momentos depois a neve fazia redemoinhos em volta do veículo. Como quase não conseguia enxergar a estrada, ela diminuiu a velocidade. Karen achou que estava se dirigindo para a esquerda e imaginou que tivesse chegado à interseção com a estrada 4, onde a Rodovia 25 fazia uma curva para o sul em direção a Webster. Com as rajadas de neve, porém, estava desorientada.

Continuou dirigindo até que de repente a caminhonete deu uma guinada para a direita e parou. Karen pisou no acelerador, mas só ouviu o irritante rangido dos pneus afundando no gelo. Tentou a marcha à ré; o veículo não se moveu. Olhando para a enorme nevasca que rugia lá fora pela campina, sentiu uma fisgada de medo. *Tenho de conseguir ajuda.*

Pegou o telefone celular. O marido, Marvin, 48 anos, terapeuta numa clínica para deficientes mentais, estaria em casa agora, na fazenda.

Karen ligou o telefone no isqueiro do carro e discou.

— Marv, estou presa.

Ele pensou em ir buscá-la sozinho, mas achou que seria tolice. Sua *van* não tinha tração nas quatro rodas e sem dúvida ficaria presa também.

— Acho mais prudente você ligar para o xerife em Webster — disse ele.

Momentos depois, Karen se comunicava com a delegacia.

— Estou em algum ponto da Rodovia 25.

— Não se afaste da caminhonete — instruiu o policial. — Um ajudante do xerife vai resgatá-la.

Mais tranqüila, Karen deixou o motor e o aquecedor ligados, e abriu uma fresta na janela em busca de ar fresco. Viu que o tanque de gasolina estava com três quartos. *É bastante*, pensou. *Logo eles estarão aqui.*

APÓS INÚTIL BUSCA pela estrada entre Webster e Roslyn, o ajudante-chefe do xerife, Jeff Schmidt, 46 anos, voltou ao escritório por volta

das 8h30 para pegar Tom Squires, outro ajudante. Schmidt fez várias perguntas a Karen pelo telefone.

– Sei que virei à esquerda – afirmou ela.

– O que está vendo à sua volta?

– A rede elétrica – respondeu ela.

– Só com dois fios, um sobre o outro.

Schmidt sabia que aquela não era a rede principal ao longo da rodovia, mas cabos de alimentação das estradas secundárias. Aparentemente, Karen fora parar numa estrada secundária.

– Não se preocupe – tranquilizou-a. – Nós a encontraremos.

Depois de uma hora e meia de busca, a nevasca caía com força total, e Schmidt e Squires não conseguiam enxergar além do capô do carro. Tinham de parar a todo instante para que Squires saltasse e se certificasse de que ainda estavam na estrada. Pouco depois do meio-dia, finalmente voltaram à cidade. Schmidt telefonou para o xerife Doug Nelson – nenhum parentesco com Karen e Marvin –, que estava em casa por causa da neve.

– Doug – informou –, temos um problema.

NA FAZENDA, Marvin temia que Karen ficasse sem gasolina antes que a encontrassem. Sem aquecimento, ela podia ter uma hipotermia.

– Há roupas de baixo de malha térmica e agasalhos atrás do assento – avisou a Karen. – E um saco de dormir com isolamento térmico na traseira.

Karen imediatamente pegou o saco de dormir.

Depois Marvin ligou para os três filhos do primeiro casamento de Karen. John, 28 anos, morava em Sioux Falls. As filhas, Jackie, 25 anos, e Tina, 18, viviam na fazenda

com Karen e Marvin, mas estavam em casa de amigos por causa da tempestade. O filho de Jackie, Tyler, 3 anos, estava na fazenda. Vítima de leucemia quando criança, Jackie dependia da mãe e do padrasto. A doença a deixara permanentemente incapacitada, assim Karen e Marvin eram os responsáveis legais por Tyler.

– Karen se perdeu – disse Marvin aos enteados. – Mas não se preocupem. Logo a encontrarão.

APANHADO em casa por um *snowmobile* (veículo próprio para andar na neve), o xerife Nelson, 40 anos, organizou um comboio de resgate de seis *snowmobiles* e três veículos de tração nas quatro rodas. O grupo movia-se lentamente pela Rodovia 25, separando-se em duplas para examinar as estradas secundárias.

Depois de três horas, Nelson co-

Depois de uma hora e meia de busca, a nevasca caiu com força total. Não viam além do capô do carro.

meçou a ficar preocupado. Karen podia ter passado pela Rodovia 25 e seguido em frente, tomando o rumo oeste pela Estrada 4. Outras estradas cruzavam a 4; ela podia ter virado à esquerda numa delas. Ele as incluiu na área de busca, mas o tempo era crítico. Karen não tinha água nem alimentos. Se a caminhonete ficasse sem combustível, ela perderia a fonte de calor e a bateria aos poucos iria descarregar. O mesmo aconteceria ao telefone.

Às 16 horas, Nelson recebeu do policial de plantão o telefonema que temia:

– Karen está sem combustível.

LUTANDO contra o frio, Karen resistia dentro das roupas térmicas e dos agasalhos, enrolada no saco de dormir forrado com lã. Ela sentiu um arrepio de medo e tentou animar-se. *É preciso manter o pensamento positivo*, pensava. Imaginava o neto Tyler construindo um forte de almofadas na sala e pedindo: “Você pode me ajudar?”

Uma ligação do xerife interrompeu-lhe os pensamentos.

– Parece que terá de passar a noite aí, Karen – avisou ele. – A nevasca não pára e a visibilidade é zero.

– Não vou agüentar a noite toda! – exclamou ela, chorando. – Estou com medo. Não tenho aquecimento.

Sentia as lágrimas congelarem no rosto.

– Iremos buscá-la pela manhã – prometeu Nelson. – Mantenha os dedos das mãos e dos pés em movimento, e não durma.

Ela sabia o que ele queria dizer: se dormisse, podia nunca mais acordar.

PELO MENOS KAREN tem um telefone, pensou Nelson. Então lhe ocorreu algo: o sinal do telefone! Para

iniciar uma chamada, o telefone celular transmite sinal de rádio para uma torre. A torre monitora a intensidade desse sinal.

– Talvez possamos descobrir a localização pela força do sinal do telefone – disse a um ajudante.

O celular de Karen estava conectado a uma rede com uma só torre, 48 quilômetros a leste. O do xerife operava na rede

Cellular 2000, que tinha cinco torres na área; essas podiam localizar o sinal com maior precisão. O xerife entrou em contato com o gerente-geral da Glacial Lakes Cellular 2000, Max Tite, em Watertown, cerca de 65 quilômetros ao sudeste. Tite contactou vários técnicos da companhia para uma conferência telefônica com Karen.

– Vamos transferi-la para nossa rede – informou-lhe um técnico. – Queremos que digite as teclas que vou ditar agora.

Karen resistia dentro de roupas térmicas e agasalhos, enrolada no saco de dormir forrado com lã.

Tite verificou que o sinal de Karen era recebido por torres de quatro áreas. Comparando a intensidade dos decibéis, os técnicos limitaram a localização dela a um raio de 8 quilômetros. Tite deu as coordenadas aproximadas a Nelson, que marcou a área num mapa. O ponto central ficava a oeste de Roslyn, bem ao sul da Estrada 4.

Impaciente para retomar a busca, o xerife Nelson solicitou um limpa-neve para pôr à frente de

seu carro. Mas os veículos haviam percorrido pouco mais de três quilômetros quando o limpa-neve ficou preso numa vala.

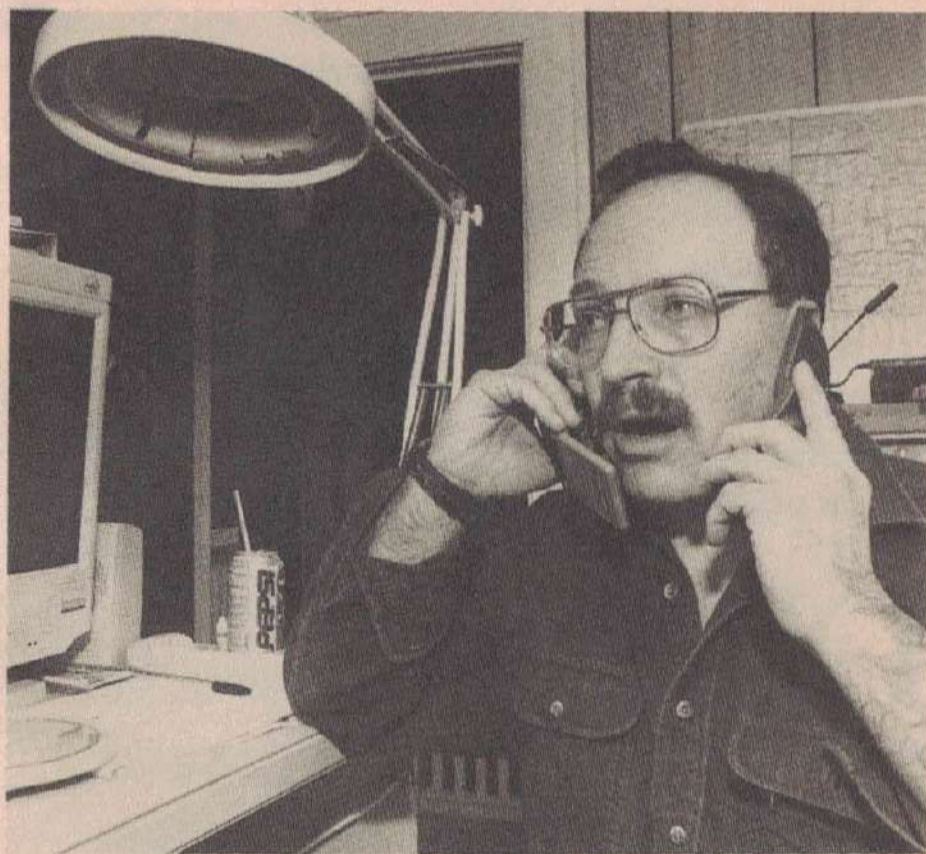
– Teremos de esperar até o amanhecer – declarou Nelson.

Ele sabia que naquela noite não iria dormir.

NA MANHÃ de sexta-feira, em seu gabinete em Pierre, o governador William Janklow discutia a situação dos motoristas detidos por causa da tempestade.

– Já faz mais de 24 horas que aquela mulher de Webster está presa – informou a seus assessores.

Em seguida, falou com John Walker, agente especial do Departamen-



Buscas– Falando ao telefone com um dos técnicos e com Karen Nelson ao outro, Max Tite tenta localizar a mulher.

to de Investigação Criminal de Dakota do Sul e especialista em imagens infravermelhas termais. Apondo um instrumento semelhante a uma câmera de vídeo pela abertura no chão de um avião, ele podia localizar diferentes níveis de radiação térmica no solo. Qualquer fonte de calor – humana ou mecânica – seria visível na tela.

– Pode encontrar a mulher perdida no condado de Day? – perguntou Janklow.

– É possível – respondeu Walker.

– Ponham um avião no ar – ordenou o governador. – E mandem a conta para mim.

APENAS A DETERMINAÇÃO de Ka-

ren e a campanha do telefone a cada 30 minutos a mantinham acordada. Então ela se lembrou do dia, mais de três anos antes, em que tinha enfrentado uma difícil questão: criar o neto ainda não nascido ou dá-lo para adoção? Depois de rezar, soube o que tinha de fazer. Agora, disse em voz alta: "Fizemos um trato, Senhor: que eu criaria Tyler. Por favor, fazei com que eu possa cumpri-lo até o fim."

DEITADO de braços num avião bimotor Cessna, o agente Walker olhava através do aparelho de imagens infravermelhas. Os pontos brancos dos veículos de busca e das casas nas fazendas piscavam na tela escura; no entanto, o avião voava rápido demais para que ele pudesse assimilar a informação.

— Não está funcionando — informou ao agente Chad Evans. — Vamos procurar pelo som. Peça a Karen que avise quando ouvir o avião.

Durante duas horas o Cessna sobrevoou a área sul da Estrada 4, mas Karen nada ouviu. Com pouco combustível, o piloto retornou ao aeroporto de Aberdeen, 80 quilômetros a oeste.

NA FAZENDA, Marvin Nelson ouviu a notícia de que o avião deixara o local e ficou arrasado. Ligou para as filhas de Karen e depois para o filho

em Sioux Falls. Os dois homens tinham a voz embargada enquanto conversavam.

— Sua mãe e eu sempre fizemos tudo juntos — dizia Marvin, segurando as lágrimas. — Tudo!

ENQUANTO O AVIÃO era reabastecido, Walker tentava entender a situação. Karen parecia certa de ter feito uma curva à esquerda após sair de Roslyn. Então, por que não ouvira o avião?

Walker teve um pressentimento. Sabia por experiência própria que, quando as pessoas se perdem, podem entrar em pânico e ficar desorientadas.

— Ela não virou à esquerda — informou ao piloto. — Em meio à confusão e ao nervosismo, aposto que pegou a direita. Está ao norte da estrada.

Ligando para o xerife, Walker anunciou:

— Vamos procurar ao norte. Como marcador, gostaríamos de ter um limpa-neve na interseção da Rodovia 25 com a Estrada 4 na saída de Roslyn.

— É isso! — exclamou Nelson, transmitindo a informação a Tite.

Por telefone, Tite entrou em contato com Karen.

— O avião está a caminho para buscá-la. Fique de ouvidos abertos.

— Pode deixar!

**Walker sabia
que quando
as pessoas
se perdem
podem entrar
em pânico
e ficar
desorientadas.**



© LAYNE KENNEDY

Momento de Tranqüilidade— Karen e Marvin Nelson posam para a foto com o neto Tyler, depois do resgate.

PARA AUMENTAR O ruído, o piloto manteve o motor na velocidade máxima e abaixou os flapes e o trem de pouso. Walker tinha um *scanner* de rádio ligado à frequência do celular de Karen.

Cerca de cinco quilômetros ao norte da estrada, o agente ouviu sinais sonoros.

— Estou recebendo um sinal. É ela!

UMA VOZ entusiasmada surgiu na linha de Tite.

— Estou ouvindo o avião! — exclamou Karen.

— Está bem acima de mim!

Tite rapidamente transmitiu a mensagem. Lá em cima, no Cessna, o piloto lia no mapa as coordenadas da tela do GPS (Sistema de Posicionamento Global) ligado a um satélite. O agente Evans as transmitiu ao xerife.

— Karen, sabemos a sua localização exata. Estamos a caminho — informou Tite.

No entanto, ela não ouviu.

— Max? — perguntou Karen.

A bateria da caminhonete descarregara, assim como a do telefone.

POUCO ANTES das 23 horas, quase 40 horas depois de Karen Nelson ter dado o primeiro telefonema, o voluntário Tom Lee, 39 anos, reduziu a velocidade de seu *snowmobile*. Trinta metros adiante, distinguiu o vulto escuro de uma caminhonete. *Só pode ser ela!*, pensou.

Bateu no vidro do motorista e abriu a porta. A cabeça de Karen surgiu de dentro do saco de dormir.

– Ah, rapaz! – exclamou ela. – Você não imagina o quanto é bem-vindo!

Momentos depois a notícia se espalhou pela rede de telefonia celular. Lá em cima, no Cessna, John Walker e o

outro agente deram tapinhas nas costas do piloto. Em sua casa, Max Tite soltou um grito de alegria. No gabinete em Pierre, o governador e seus assessores comemoraram.

Karen foi levada de *snowmobile* a uma ambulância que a aguardava, e transportada para um hospital de Webster. Enquanto os médicos empurravam rapidamente a maca pela porta dos fundos do hospital, ela viu Marvin, Tyler e as filhas no corredor.

– Mamãe! – gritou Tyler, correndo e abraçando-a.

Quando era levada para o CTI, Karen fitou os olhos brilhantes de Tyler. Sentiu-se subitamente agradecida. Ele crescia rápido, mas agora ela estaria a seu lado em todas as etapas do caminho.

DINHEIRO PINTA



Acho que tenho uma boa relação com dinheiro. Em primeiro lugar, porque aprendi muito cedo, com um amigo, a não correr diretamente atrás. De vez em quando, pensava: “Ah, se arrumasse um emprego onde pudesse ganhar muito!” Esse sábio amigo me deu um dos melhores conselhos que já ouvi. A gente não deve raciocinar assim. Aliás, a palavra emprego deve ser esquecida, devemos pensar em trabalho.

Em vez de dizer “Preciso de tal quantia para viver. Como é que vou descolar essa grana?”, devo pensar “O que posso produzir de bom, de útil?” Porque dinheiro é decorrência natural da produção. Se produzimos, o dinheiro acaba *pintando*. Pelo menos comigo deu certo e, até hoje, continua dando.

É muito importante aproveitar cada chance e dar o melhor de si, seja qual for a situação. Quando você se empenha num trabalho o resultado vai puxar outros.

– GILBERTO BRAGA, escritor, citado por Lu Lacerda em *Tudo que eu já fiz por dinheiro* (Editora Objetiva)